

Maria Edriana dos Santos Rocha¹
Márcia Regina Curado Pereira Mariano²

RESUMO

Como o ensino da argumentação não é privilegiado no ensino fundamental, este trabalho apresenta noções básicas da Retórica e da Argumentação, com Perelman e Tyteca (1996), Ferreira (2010) e Meyer (2008), bem como uma proposta de ensino de leitura e produção de texto para o 9º ano ensino fundamental, recorrendo ao grupo do Facebook como estratégia de estímulo ao debate, à interação e ao exercício inicial da argumentação.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação; Facebook; Retórica; Proposta de Ensino

ABSTRACT

Considering argumentation teaching is not privileged in elementary school, this article introduces the basics of Rhetoric and Argumentation, with Perelman and Tyteca (1996), Ferreira (2010) and Meyer (2008), as well a reading teaching and text production proposal for 9th grade elementary school, using the Facebook group as a strategy to stimulate debate, interaction and the initial exercise of the argumentation.

KEYWORDS: Argumentation; Facebook; Rhetoric; Teaching Proposal

1 Mestra em Letras pela UFS/Campus Itabaiana-Se e professora da Educação Básica da rede estadual de ensino de Sergipe. E-mail: medrisantos@gmail.com

2 Doutora em Língua Portuguesa pela, Universidade de São Paulo (USP), Professora Adjunta do Departamento de Letras e docente do Proletras no Campus Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os vastos estudos na área do ensino de língua portuguesa corroboram que ler é muito mais que decodificar; “é construir sentidos” (SANTOS, 2011, p. 68); é utilizar a capacidade de relacionar os conhecimentos já adquiridos com os novos, proporcionados pela leitura; é “um processo ‘ativo’, que implica não apenas a capacidade para compreender um texto, mas a capacidade de refletir e de envolver-se com ele, a partir de ideias e experiências próprias” (PISA, 2012, p. 38). Do mesmo modo, produzir texto é muito mais que utilizar regras gramaticais (o que também não tem tido sucesso na escola); produzir texto é mostrar-se como enunciador, como sujeito interativo; como sujeito identitário; como sujeito de ação, argumentação e persuasão.

No que concerne à problemática da formação de um leitor eficiente, dotado de competência leitora e produtora de textos, capaz de agir, pronunciar-se e se impor na sociedade contemporânea, urge buscar, dentre os aportes teóricos sobre a linguagem que nos são postos, uma aproximação efetiva entre teoria e prática diária do ensino de língua portuguesa em sala de aula. Dentre essas teorias, destacamos os estudos neo-retóricos, com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), em seu *Tratado da Argumentação*, e com Meyer (2008), em sua obra *A arte de Argumentar*, por entender que essa abordagem recupera e inova uma concepção de discurso plausível para elaboração de estratégias aplicáveis tanto ao ensino de leitura quanto ao de escrita de texto. Além disso, nessa busca, levamos em conta o contexto histórico, social e cultural contemporâneo, intensamente marcado por inovações na área tecnológica e digital, as quais impulsionam uma transformação das formas comunicativas e textuais.

Neste artigo, apresentamos parte do resultado de nossa pesquisa de mestrado (Proletras/UFS/Itabaiana-SE) que teve por objetivo apresentar estratégias de leitura e escrita, com ênfase em atividades de produção de textos do universo do

argumentar, para o 9º ano do ensino fundamental, na perspectiva da retórica e da argumentação, através de postagens autorais do Facebook. Para isso, investigamos e comprovamos a aplicabilidade dos conceitos retóricos em postagens autorais e comentários dessa rede social e, como produto, organizamos um caderno pedagógico de leitura e produção de textos argumentativos e persuasivos, cuja proposta descrevemos sinteticamente neste artigo.

Como ferramenta de apoio para o desenvolvimento dessas atividades, recorreremos à criação de um grupo no Facebook (recurso que melhor se adequava à proposta de ensino), como uma possibilidade de integração de ferramentas tecnológicas contemporâneas à prática de ensino de língua, a fim de estimular leitura, discussão e exposição de pontos de vista recorrendo à argumentação e à persuasão. Tal escolha deveu-se ao fato de se constatar uma visível naturalização de uso dessa rede social por estudantes do referido nível de ensino, o que pode favorecer um trabalho do uso da linguagem mais significativo, interativo, funcional e, por que não dizer, prazeroso.

Assim, apontamos novos olhares sobre o estudo dos gêneros textuais no ensino fundamental, levando em consideração os gêneros aristotélicos e os preceitos da Nova Retórica e da multimodalidade, de modo a proporcionar ao estudante das séries finais do ensino fundamental o despertar para as questões argumentativas com as quais se defrontam diariamente, contribuindo para torná-lo um leitor ativo, crítico, persuasivo e apto a perceber (e a utilizar) a persuasão nas diversas formas textuais, sejam orais, sejam escritas, de maneira a tornar-se capaz de atuar em contextos discursivos fora dos espaços da sala de aula, exercendo sua cidadania.

Entendemos, ainda, que a proposta de ensino, explanada no decorrer deste artigo, coloca-se apenas como uma abertura possível dos estudos de argumentação e persuasão voltados para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, sem o

intuito de propor qualquer tipo de “receita”, nem tampouco de esgotar as possibilidades de estudos nessa área. Pretendemos, portanto, contribuir para aproximar teorias do estudo da linguagem da prática real e diária de ensino da língua, na perspectiva do discurso, a fim de possibilitar aos estudantes o desenvolvimento de suas competências leitora e produtora de textos, recorrendo a um recurso tão utilizado por eles: a rede social Facebook. Ressaltamos, por fim, que os conhecimentos apreendidos, construídos, compartilhados poderão ser aplicados a outros gêneros textuais veiculados fora da rede.

Considerando a possibilidade de que a Retórica seja vista como uma teoria complexa, devido principalmente à nomenclatura específica que remonta à Grécia Antiga, propomos abordar algumas noções no tópico seguinte.

1. Um pouco da retórica...

Aristóteles contrapõe, na retórica, a argumentação à demonstração. Para ele, o que é demonstrável como verdade científica absoluta não necessita de argumentos. A demonstração pauta-se em um raciocínio lógico, a partir de proposições consideradas verdadeiras, para se chegar a conclusões também verdadeiras. Ao contrário, quando não se tem prova sobre determinada questão, recorre-se à argumentação, às provas por persuasão. Segundo o filósofo,

(...) a prova por persuasão é uma espécie de demonstração (pois somos persuadidos sobretudo quando entendemos que algo está demonstrado) [...] a demonstração retórica é o entimema e [...] este é, geralmente falando, a mais decisiva de todas as provas por persuasão; [...] enfim, o entimema é uma espécie de silogismo (ARISTÓTELES, 2005, p. 93).

Aristóteles (2005) aponta três espécies de provas de persuasão: *ethos* – referente ao caráter moral do orador, o qual deixa no ouvinte a impressão de ser digno de confiança, resultado do discurso daquele e não da opinião desse mesmo ouvinte a respeito do caráter do orador; *pathos*, alusivo à disposição do ouvinte, cujo envolvimento pela emoção decorre do discurso proferido; e *logos*, relativo ao próprio discurso, quando se mostra “a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (ARISTÓTELES, 2005, p. 97). O filósofo ressalta ainda que a capacidade de formar silogismos é fundamental para poder se servir das provas por persuasão. O entimema e o exemplo são dois recursos apontados por Aristóteles, sem os quais não é possível argumentar e persuadir.

O filósofo faz “uma distinção entre as espécies e os lugares de que se devem tomar os entimemas [e chama] espécies as premissas próprias de cada gênero, e lugares às que são comuns igualmente a todos” (ARISTÓTELES, 2005, p. 103-4). Para atender às necessidades discursivas da época pautadas na oralidade, a retórica clássica dividiu os gêneros retóricos em três, de acordo com o objetivo, o tema e o tempo: deliberativo, judiciário e epidíctico. Porém, os usos extremamente floreados e equivocados da retórica destituíram-na de seu devido valor por um longo tempo. Somente no século XX, alguns estudiosos resgataram os gêneros retóricos, dando-lhe nova roupagem, mas sem prescindir de sua essência. Dentre esses estudiosos, valemos-nos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 04) definem o estudo das técnicas discursivas que permitem “*provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*”³ como objeto da teoria a que se propuseram fazer. Afirmam também que “*é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve*”⁴ (ibidem,

3 Grifos dos autores.

4 Grifos dos autores

1996, p. 06). Nesse sentido, o orador, ao proferir um discurso, deve ter em mente o público (auditório) ao qual se dirige, pois, assim, poderá melhor organizar suas ideias dentro do sistema retórico e fazer uso de técnicas discursivas que provoquem a adesão de seu auditório. É importante destacar que, ao se referir ao orador, a retórica não alude à instância empírica, física, corpórea do autor, mas, sim, ao enunciador, àquele que se inscreve no enunciado, no discurso. Ao se fazer uma análise retórica, por exemplo, buscamos indícios de autoria discursiva no próprio texto, sem qualquer pretensão de chegar às intenções do autor empírico.

Diferentemente de Aristóteles, no estudo da estrutura da argumentação, os autores não se limitam ao discurso oral, mas centram-se no estudo das técnicas do discurso, veiculado em textos impressos, por reconhecerem a importância e o papel modernos de tais textos, preservando um elemento imprescindível da retórica clássica: o auditório, pois

Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito freqüente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito. Enquanto o discurso é concebido em função direta do auditório, a ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo, conquanto, na verdade, seu texto seja sempre condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem pretende dirigir-se (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 07).

Assim, mesmo num texto escrito, a argumentação pressupõe a existência de um contato intelectual e emotivo ou afetivo com um auditório que o orador pretende persuadir. Os autores distinguem argumentação persuasiva de argumentação convincente, pelo caráter de adesão de tipos de auditório. No primeiro caso, visa-se a um auditório particular; no segundo, à adesão de todo ser racional.

Ao definir persuasão, Reboul (2004, p. XV) afirma que “persuadir é levar alguém a crer em alguma coisa”, mas sem necessariamente levar esse alguém a fazer alguma coisa. Se ocorrer o contrário, isto é, levar a fazer sem levar a crer, foge-se do campo da retórica. Nesse caso, não existe argumentação, pois levar a fazer pode ocorrer por outros meios coercitivos como, por exemplo, uma promessa, uma ameaça ou outra forma de coação.

É, portanto, em função de todo auditório que um orador deve organizar seu discurso, de modo a adaptar-se a ele, tarefa muito complexa quando se trata de um auditório particular, haja vista as inúmeras probabilidades de relativização de opiniões sobre a questão colocada em pauta pelo orador, diferente do que ocorre com o auditório universal. Com vistas, então, a uma ação precisa perante um auditório, oportunamente, o orador deve “excitar as paixões, emocionar seus ouvintes, de modo que se determine uma adesão suficientemente intensa, capaz de vencer ao mesmo tempo a inevitável inércia e as forças que atuam num sentido diferente do desejado pelo orador” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 52).

Aplicando os conceitos de auditório ao contexto do Facebook, entendemos que, embora o auditório, nesse meio virtual, aparente ser um auditório universal, aquele em que há uma concordância unânime sobre o que é afirmado, de fato não o é, pois essa impressão certamente configura-se um recurso retórico utilizado com vistas a um “ideal argumentativo” (REBOUL, 2004, p. 93). Nesse caso, o uso da argumentação persuasiva encontra um terreno fértil, pois trata-se de um auditório particular, aquele no qual são suscitados pontos de vista relativos, diversos e divergentes, porquanto uma mensagem publicada tem em vista alcançar um grupo ou grupos específicos, seja ao publicar uma mensagem de cunho religioso, moral, ético, político, psicossocial entre outras, seja ao publicar textos ou imagens com objetivo de autopromoção, de crítica, de estímulo à tomada de decisão, etc.

Em todo discurso, ocorre argumentação no sentido de uma organização retórica que conduz o ouvinte/leitor para determinado rumo. A escolha vocabular e de registro ou mesmo do suporte e do meio de veiculação do discurso (como é o caso das redes sociais), por exemplo, torna-se uma estratégia de persuasão para o fim a que se presta determinado discurso. Segundo Massman (2011 p. 367), “a organização retórica de um texto consolida-se através da argumentação, que por sua vez, na superfície textual, implica a exposição de uma tese e a apresentação de argumentos que a sustentam”. Nessa perspectiva, os textos publicados no Facebook, com características multimodais, utilizam diversos recursos argumentativos que direcionam e persuadem o leitor/usuário da rede.

Em virtude de a Retórica reduzir-se por longa data aos floreios discursivos, Guimarães (2001) ratifica a importância de seu ressurgimento para além da classificação das figuras de estilo como era feito antes e concebe a Retórica como “um processo argumentativo que, em graus variados, está subjacente a todos os discursos” (GUIMARÃES, 2001, p. 148). Para a autora, argumentação e retórica são tidas, hoje, como termos quase sinônimos, havendo a presença de ambas em qualquer discurso.

2. Sistema retórico e figuras retóricas e de argumentação

Numa linguagem fluida e bastante didática, Ferreira (2010) apresenta-nos como proceder a uma análise retórica, abordagem que utilizamos como referência para a elaboração de nossa proposta de ensino. Segundo o autor, proceder a uma análise retórica “implica um olhar sobre o texto em busca do que possui de persuasivo (...), pois os textos, dotados de intencionalidade, apontam, durante a análise, para a intenção do autor” (FERREIRA, 2010, p. 59). A proposta de análise retórica desse autor organiza-se em cinco passos: o primeiro consiste no olhar inicial para o texto,

perscrutando o contexto retórico, a fim de conhecer o orador e seu interesse na externalização do seu discurso e de questionar o próprio texto, identificando alguns aspectos quanto ao que expressa. Os passos seguintes têm por objetivo adentrar o sistema retórico em sua composição: a invenção, a disposição, a elocução e a ação.

A invenção, em que ocorrem a compreensão do assunto e a reunião dos argumentos necessários, busca identificar: quais acordos o orador estabelece para se identificar com o auditório; quais marcas ele deixa transparecer no texto, que demonstrem o estabelecimento de tais acordos; quais marcas possibilitam inferir que o orador é parcial ou imparcial; e qual a natureza e o número de motivos tematizados. A natureza e o objetivo da questão retórica levam à escolha do gênero no qual o discurso se concretiza. Na invenção, é possível estabelecer alguns lugares⁵ retóricos, apontados por Ferreira (2010), fundamentado no *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a saber, lugares da quantidade e lugares da qualidade. O autor aponta também outros lugares que contribuem para a direção argumentativa que o orador pretende instituir e levar à adesão do auditório: lugar da ordem, lugar do existente, lugar da essência, lugar derivado do valor da pessoa.

Ao tratar das provas lógicas (*logos*), Ferreira (2010) descreve, numa linguagem bastante acessível, os tipos de raciocínios (dedutivos, dos quais se valem os dialéticos que tratam dos entimemas; e indutivos, que têm como fundamento o exemplo) e os tipos de provas (extrínsecas e intrínsecas). As provas intrínsecas envolvem o *ethos*, o *pathos* e o *logos* e subdividem-se em lógicas, que movem pela razão, e em psicológicas, que movem pela emoção. A relação orador (*ethos*) e auditório (*pathos*) é extremamente essencial, já que dela resulta um jogo de representações configurando o discurso. Nesse jogo, a imagem construída pelo orador, através de recursos que

apelam para a razão e para a emoção, no intuito de despertar paixões, emoções, leva em consideração, também, a imagem que o orador imagina que o auditório tem dele.

A disposição é a etapa em que se organizam e se distribuem os argumentos, de modo racional e plausível no texto, visando a uma solução para o problema retórico. É constituída de quatro partes: *exórdio*, momento da introdução do discurso e em que há identificação com o auditório; *narração*, em que ocorre a exposição dos fatos e são colocadas as provas; *confirmação*, em que se concentram as provas e se defendem ou refutam pontos de vista; e, por fim, *peroração*, ou final do discurso, que pode ocorrer por meio da recapitulação, do apelo ao ético ou ao patético, da amplificação da ideia defendida, por meio das figuras. Como afirma Ferreira (2010, p. 115), “na peroração, a afetividade se une à argumentação e conclama à ação”.

A elocução é a etapa em que se redige o discurso retórico. Abrange, pois, o plano da expressão e a relação forma e conteúdo, envolvendo aspectos como clareza, correção, adequação, concisão, elegância, vivacidade, bom uso das figuras com valor de argumento (FERREIRA, 2010, p.116).

A ação é o momento de verbalização do discurso e envolve componentes emotivos, como a gestualidade e a interação com o espaço, no discurso oral. Já na escrita outros componentes são acionados, como a disposição do texto, o tamanho e a cor da fonte, o destaque gráfico de ideias, a presença de outras linguagens (imagens, desenhos, vídeos), o recurso a *hyperlinks*, no caso de textos de *internet*.

Para bem impressionar o auditório, provocando impactos racional e afetivo, o orador deve demonstrar conhecimento de causa, honestidade e segurança, elementos que movem o auditório para o espaço da confiança. Segundo Ferreira (2010, p. 143), “É virtude do orador buscar a cooperação na atividade de linguagem.

5 Segundo Reboul (2004), o termo retórico *lugar* pode ser traduzido como argumento.

Pode assim proceder por meio de, pelo menos, duas estratégias significativas: pela exploração das paixões e pela exploração da natureza estética da linguagem”.

Além do sistema retórico, destacamos a importância das figuras retóricas e de argumentação como elemento de força persuasiva na construção de um discurso. Cabe frisar, porém, que para determinado uso discursivo da língua funcionar como uma figura, é preciso provocar estranhamento, surpresa, paixões no auditório, uma vez que tal uso não é esperado naquele determinado contexto, naquele determinado gênero, naquela determinada exposição ou construção discursiva do orador. Por exemplo, o uso de *emoticons*, palavras reduzidas, *hashtags* em publicações do Facebook são escolhas esperadas no gênero postagem, por isso não funcionam como figuras de escolha. Podem provocar, entretanto, efeito de sentido de comunhão, já que o universo virtual faz parte das referências dos usuários dessa rede social. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) apontam três figuras de retórica e de argumentação: a) Figuras de escolha (ou de caracterização) que têm como efeito impor ou sugerir uma caracterização, com vistas a levar o leitor/ouvinte a uma conclusão a respeito do dado caracterizado. Com valor de argumento, tal figura imprime ao texto características não esperadas, que podem ser alcançadas pela escolha vocabular, sintática, de registro, de gênero, de tipo textual. Mas é o contexto em que é essas escolhas são utilizadas que vai caracterizá-las como figura de escolha. Através dessas figuras, o orador procura interpretar um fato, encontrando maneiras de qualificá-lo, caracterizá-lo, de acordo com seu interesse argumentativo; b) Figuras de presença que produzem o efeito de aumentar a presença do tema e da posição do orador a respeito do assunto tanto na mente de quem fala ou escreve quanto de quem ouve ou lê. O recurso básico da figura de presença é a *repetição*, que pode se revelar também pelo uso da anáfora, polissíndeto, paralelismo, entre outros. Assim, as figuras de presença podem ter, em um texto, a função de não deixar o leitor/ouvinte se esquecer de que trata o discurso ou de qual é o ponto de vista do orador. Reafirmamos que, como toda figura de argumentação e

retórica, tais estratégias só serão consideradas figuras quando causarem a sensação de inesperado. A repetição na fala dirigida à criança, por exemplo, é totalmente normal e, muitas vezes, necessária, o que não causará espanto; c) Figuras de comunhão que têm como efeito realizar a comunhão com o auditório. Nesse caso, podem funcionar como figura de comunhão a *alusão*, a *citação*, a *apóstrofe* (convertida em um pedido de atenção por parte de quem fala), a *enálage* (troca de um tempo ou pessoa por outra, com vistas à aproximação do interlocutor da mensagem) e a *pressuposição*, que consiste em apresentar algo, como já sendo conhecido do público ou como sendo um saber compartilhado entre o falante/escrevente e o ouvinte/leitor. Segundo Mariano (2007, p. 137), “as figuras de comunhão tendem a obter do auditório uma participação ativa na exposição, uma vez que têm como finalidade criar ou confirmar a comunhão com o auditório”, através de referências culturais, por exemplo.

Segundo Meyer (2008), uma argumentação, para ser completa, necessita de que se dominem o plano geral ou macroestrutura e as unidades mais reduzidas de reflexão, no caso, o parágrafo, no qual convencionalmente é orientado que se exponha apenas um argumento, mas com a possibilidade de este ser desenvolvido em outros subconjuntos de argumentos complementares. Para convencer, é preciso levar o interlocutor a refletir e, para isso, o orador precisa “dominar dois atos intelectuais: apresentar a ideia e justificá-la” (MEYER, 2008, p. 141). O parágrafo deve conter essa apresentação e essa justificação. Neste último caso, o autor considera que a justificação pode ocorrer por meio de um raciocínio lógico e pela apresentação de exemplos.

Meyer (2008) parte da concepção de dois termos para justificar os principais meios de raciocínio humano: *refletir*, cuja noção inclui a associação de ideias enviadas de múltiplos focos, olhares, pessoas, e recebidas por estes, enriquecendo pontos de vista; e *pensar*, que, em sua origem latina – *pensare* -, deu origem a *pensar* e *pesar* (*pesar* o *pró* e o *contra*) e cuja noção diz respeito à oposição de ideias, de pontos de vista.

A justificação de uma ideia também implica a apresentação de exemplos. Segundo Meyer (2008, p. 146-7), a noção de exemplo traz uma ambiguidade: ou por situar-se na origem das ideias; ou, por situar-se no termo das ideias, no caso de exemplos utilizados como provas numa dissertação, o que resulta na inabilidade de estudantes quanto ao seu uso na prática da escrita, pois, ou o exemplo utilizado por eles apresenta-se pouco adaptado à ideia, isto é, mal escolhido, ou é um exemplo particular demais e, por isso mesmo, pouco generalizável. Para se evitar incorrer nessa falha, Meyer (2008) sugere debruçar-se com espírito crítico sobre o fato e a ideia em questão e se questionar sobre a representatividade e o valor do exemplo dado, considerando um conjunto válido, e, ainda, sobre o alcance desse exemplo no universo de compreensão do leitor/ouvinte.

O autor aponta ainda algumas vantagens do uso do exemplo no desenvolvimento dos argumentos, a saber: mostra-se econômico, uma vez que é selecionado dentre um conjunto possível de exemplos; torna-se eloquente, de fácil compreensão, em virtude de seu caráter concreto e figurativo; veicula facilmente conteúdos passionais, emocionais e afetivos, por representar um lado real e vivenciado, o que aproxima o interlocutor, já que estimula a memória e traz à tona lembranças ou situações concretas e conhecidas.

A vivacidade, a concretude e o poder de prova do exemplo tornam-no um recurso argumentativo bastante oportuno e recorrente, mas deve ser utilizado levando-se em conta o universo referencial e cultural do interlocutor (leitor/ouvinte). Meyer (2008, p. 148) aponta, inclusive, as principais fórmulas utilizáveis em três maneiras de apresentar o exemplo: sucedendo a ideia – “*por exemplo, assim, em especial*”, etc. [grifos do autor]; antecedendo a ideia – *esse exemplo, essa situação, essa constatação... mostra, demonstra, ilustra, prova que...*; e intercalando a ideia, utilizada apenas com o intuito de mencionar sem aprofundar o exemplo.

Após esse breve apontamento sobre noções básicas de retórica, passamos à descrição da proposta de ensino de leitura e produção de textos para o 9º ano do ensino fundamental.

3. Breve descrição da proposta de ensino

Após realizar o estudo de conceitos retóricos e argumentativos, durante a pesquisa de mestrado, aplicando-os, inclusive, em postagens autorais do Facebook, colhidas aleatoriamente em perfis de amigos virtuais, elaboramos e aplicamos uma proposta de ensino com vistas a fomentar o interesse pelo debate de assuntos com questões retóricas controversas e a exercitar o uso da argumentação. Descrevemos a seguir as etapas desenvolvidas na proposta de ensino de retórica e argumentação utilizando o Facebook, especificamente, o grupo do Facebook, como ferramenta de apoio para estimular o debate. A proposta foi desenvolvida em duas etapas: a primeira visou ao contato inicial dos estudantes com a teoria a partir da análise retórica de uma postagem autoral do Facebook; a segunda consistiu em desenvolver atividades de leitura e de produção de textos a partir da criação de um grupo no Facebook e do estímulo à interação e ao debate sobre conteúdos postados.

Na primeira etapa da proposta, por meio da dinâmica conhecida entre nós por *Tempestade de Ideias* (ou “*Tempestade Cerebral*”, tradução do termo de origem inglesa *Brainstorming*, técnica empresarial de discussão de grupos visando a proposição de ações inovadoras, comumente adaptada a outras situações como as escolares, por exemplo), apresentamos o conceito de retórica e de argumentação com o objetivo de sondar o nível de conhecimento dos alunos em relação ao tema. Em seguida, tratamos de conceitos retóricos a partir de uma postagem do Facebook, previamente analisada conforme os passos de análise retórica de Ferreira (2010), selecionada pelos seguintes

critérios: ser de autoria do próprio usuário da rede; ter tido um número de curtidas e de comentários significativos, tratar de um tema de teor controverso, gerador de pontos de vista divergentes e diversos, e em voga naquele momento. Utilizamos, pois, uma postagem autoral de uma jovem adolescente sobre as manifestações de 15 de março de 2015 contra o governo da Presidenta da República reeleita no pleito de 2014. A escolha desse tema decorreu, principalmente, por ser um assunto de interesse geral, que mexeu bastante com as paixões políticas das pessoas, inclusive daqueles que ainda não votavam e que se envolveram emotivamente na discussão, posicionando-se a favor ou contra a presidenta reeleita.

Na segunda etapa, criamos um grupo no Facebook, agregando 29 membros, com o objetivo de utilizá-lo como suporte para o estímulo à leitura e à produção de textos. Não houve dificuldades na criação do grupo, nem na adesão dos membros, exceto por um número bastante reduzido de alunos (04) que não tinham conta no Facebook, mas, ainda assim, envolveram-se bastante nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

No grupo, foram postados temas, inicialmente por nós, depois pelos próprios membros, demonstrando o campo de interesse dos alunos. Dentre esses temas, interessaram mais aos membros, dado, especialmente, o número de adesão por comentários: a proibição do uso do celular como medida a ser adotada pela escola para o ano letivo 2015; o problema da água; redução da maioria penal; preconceito racial; drogas na adolescência, síndrome de Boderline. Já outros temas foram visualizados pela maioria dos membros, mas obtiveram um grau bem menor de adesão: aborto; homossexualidade e intolerância; violência; dengue; enchentes.

Para análise e desenvolvimento de atividades pontuais de leitura, reflexão e produção de texto, considerando principalmente duas partes do sistema retórico (invenção e disposição) e o parágrafo como unidade de reflexão, escolhemos duas

postagens autorais do grupo que versaram sobre o problema da água e a redução da maioria penal. A escolha baseou-se nos seguintes parâmetros: ser de autoria dos alunos, apresentar maior número de comentários, versar sobre uma questão controversa, que gerasse opiniões diversas e discordantes, e revelar algum tipo de dificuldade de organização discursiva. Com o texto-base selecionado, desenvolvemos as atividades em duas etapas, nominadas *A hora da leitura*⁶, em que foram apresentados aos estudantes e discutidos com eles textos (verbais e audiovisuais) sobre o tema, com o intuito de enriquecê-los para a etapa da invenção, momento discursivo que se demonstrou carente nas postagens iniciais do grupo; e *A hora da escrita*, em que foram desenvolvidas atividades de escritas com base na construção discursiva do parágrafo, recorrendo sempre às leituras realizadas e, sobretudo, às técnicas e estratégias retórico-argumentativas.

As atividades referidas centraram-se no encadeamento de frases e culminaram na produção de um parágrafo argumentativo, atentando para o meio de veiculação e o público, a fim de fazer a melhor escolha de registro da linguagem para fins de força persuasiva. Os conhecimentos tratados, até então, reforçaram os objetivos da proposta, já que visou a levar o aluno à reflexão tanto no ato de ler quanto no de escrever seus textos, aplicando conceitos da retórica e da argumentação; e estimular o debate no grupo do Facebook, como um exercício inicial para a argumentatividade.

As atividades se encerraram com a produção de texto a partir de um texto-base, extraído do próprio grupo, para ser publicado em outro veículo (jornal da escola). Nesse texto, observou-se a utilização de técnicas e estratégias retórico-discursivas por

6 ROCHA, Maria Edriana dos Santos. Caderno Pedagógico: Retórica, Argumentação e Facebook - práticas de leitura e escrita para o 9º ano do ensino fundamental. In. **Retórica, argumentação e facebook: outros olhares para a leitura e a produção de texto no ensino fundamental**. 2015, 62 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2015.

parte dos estudantes, que ampliaram as informações do texto-base. Tais técnicas e estratégias expressaram confiabilidade ao *ethos* discursivo, haja vista evidenciar-se domínio do conteúdo abordado, bem como moveram o *pathos* por meio de alguns recursos retóricos com vista a conseguir a adesão do auditório, como uso de pressuposição e de figuras de presença e de comunhão. Além disso, os estudantes apresentaram preocupação em organizar discursivamente o parágrafo, esforçando-se para manter o encadeamento de ideias.

Considerações finais

Em virtude de possuir a brevidade como característica elementar própria dos meios virtuais de comunicação, o Facebook, como instrumento pedagógico, engloba duas propriedades que, paradoxalmente, se fundem e se excluem e, por isso mesmo, deve ser utilizado com a devida prudência: é um meio bastante atrativo e que estimula a participação em debates através de publicações, tanto em perfis individuais quanto em grupos criados com objetivos previamente conhecidos por todos os membros; mas é, também, um recurso que não permite o aprofundar não só os debates, mas também as estratégias e técnicas de argumentação e retórica, o que, sem sombra de dúvidas, exige a leitura e escrita de textos mais extensos e discursivamente elaborados com maior consistência, pois não é comum, nesse meio virtual, a publicação de textos extensos.

Apesar disso, em alguns momentos, a exemplo do último período eleitoral presidencial, das manifestações de junho de 2013, às vésperas da Copa do Mundo no Brasil, e das manifestações contra o governo da Presidenta Dilma Roussef, em 2015, notou-se uma exposição e autoexposição diferenciada no Facebook, com produções autorais bem mais longas que o comum. Embora possa parecer

contraditório, já que o recurso a textos mais longos e elaborados do ponto de vista argumentativo no Facebook é insignificante, acreditamos que essa rede social possa ser utilizada para motivar discussões temáticas de interesse (ou que despertem o interesse) dos alunos, pois a argumentação, como uma propriedade intrínseca da linguagem, permeia todos os discursos sobre todos os temas, e não apenas sobre os controversos. Por isso, o trabalho temático, conforme a proposta descrita, mostra-se produtivo e propenso à elaboração de textos que defendam uma ideia, além de nos oferecer uma porta de entrada para o desenvolvimento da argumentação junto aos alunos da educação básica.

Ademais, a brevidade típica das postagens publicadas na rede revela a realidade informacional, linguística e interacional dos estudantes, nascidos e inseridos no contexto tecnológico digital. Usá-la em favor do ensino aprendizagem é uma estratégia que pretende aproximar os alunos reais dos conceitos de linguagem a serem tratados, com os quais precisam se familiarizar e os quais precisam dominar durante sua vida escolar. Essa mesma brevidade, pouco favorável à construção de um discurso textualmente mais extenso e complexo, pode servir à prática pedagógica do ensino de argumentação e de estratégias de persuasão e ser usada como elemento motivador para iniciar o exercício da argumentação, devendo ser aprofundado em formas textuais veiculadas em outros suportes textuais, seja convencional seja virtual.

O diferencial da proposta de ensino apresentada está em trazer a teoria da retórica e da argumentação para o ensino fundamental e possibilitar o uso do Facebook como um instrumento possível para estimular a interação, o debate, a exposição de pontos de vista sobre determinados temas, em especial, sobre aqueles de interesse dos próprios estudantes e sobre outros, a respeito dos quais os estudantes ainda não tiveram a oportunidade de tratar e dos quais precisam ter conhecimento para ampliar seu horizonte de leitura e de leitura de mundo. Assim, com esse recurso,

foi possível, dentre outras coisas: mobilizar os estudantes para a reflexão sobre questões muito próximas de seu cotidiano ou que os afetam, mas que eles não percebem como isso ocorre; estimular a discussão, o debate, a busca de argumentos, a refutação; e iniciar o exercício de argumentação que deve ser aprofundado através de outros recursos que integrem ou concebam textos maiores divulgados em outros meios como, por exemplo: jornal escolar, *blog*, *site* de discussão temática, mesa redonda, palestras, etc.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Obras Completas*. Retórica. Pedro António Mesquita (coord.). Biblioteca de Autores Clássicos. 2 ed. revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Relatório Nacional PISA 2012*. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_pisa_2012_resultados_brasileiros.pdf>. Acesso em 02/04/2015.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2 ed. São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH/USP, 2001, p. 145-160.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. *As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas*. Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007, 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MASSMANN, Débora. *A arte de argumentar em sala de aula*. Revista Letras, Santa Maria, v. 21, n 42, p. 363-385, jan/jun, 2011. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revista_letras/artigos_r42/artigo42_13.pdf>. Acesso em: 19/01/2014.

MEYER, Bernard. *A arte de argumentar: com exercícios corrigidos*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Beneditti, Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Maria Edriana dos; e ANDRADE, Alexsandra Dantas Oliveira. Afloramento do ethos pós-pleito no Facebook. *Caderno de Resumos do VI Enpole*, UFS, 2015.

SANTOS, Leonor Werneck dos. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, Kátia Cristina do Amaral; BECHER-COSTA, Sílvia B. A.; e FRANCO, Claudio de Paiva (Orgs). *Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. 220p

PERELMAN, Chaim; e OLBRECHTS- TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo Martins Fontes, 1996.

Recebido: 13.09.2015 – **Aprovado:** 02.12.2015